

**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RIO GRANDE DO
NORTE – FARN
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

**O DESDOBRAMENTO ACELERADO DA ECONOMIA INFORMAL E SUAS
TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO NA SOCIEDADE.**

Maria de Fátima Costa

**NATAL/RN
2004**

LIGA DE MARIA DE FÁTIMA COSTA NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RIO GRANDE DO
NORTE – FARN
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

O DESDOBRAMENTO ACELERADO DA ECONOMIA INFORMAL E SUAS
TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO NA SOCIEDADE
**O DESDOBRAMENTO ACELERADO DA ECONOMIA INFORMAL E SUAS
TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO NA SOCIEDADE**

Maria de Fátima Costa

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Graduação em Administração da Faculdade Natelense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte como requisito parcial pela obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador:

Rosângela de Menezes Cortez Bezerra, M.sc.

NATAL
2004

MARIA DE FÁTIMA COSTA

TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO NA SOCIEDADE
O DESDOBRAMENTO ACCELERADO DA ECONOMIA INFORMAL E SUAS

RB-01429



Catálogo na publicação – Biblioteca da FARN
Setor de Processos Técnicos

Costa, Maria de Fátima

O Desdobramento acelerado da economia informal e suas transformações nas relações de trabalho na sociedade / Maria de Fátima Costa. – Natal: FARN, 2004.
38p.

Orientadora: Rosângela de Menezes Cortez Bezerra (M.sc.)

Monografia (Graduação em Administração) – Faculdade Natalense Para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

1. Relações de Trabalho – monografia 2. Economia Informal – monografia I. Título

RN/ FARN/ BC

CDU 331

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RIO GRANDE DO
NORTE – FARN

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

O DESDOBRAMENTO ACELERADO DA ECONOMIA INFORMAL E SUAS
TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO NA SOCIEDADE.

Monografia apresentada e aprovada em ____ de ____ de ____ pela banca examinadora composta pelos seguintes membros.

Rosângela de Menezes Cortez Bezerra, (M.sc.)
Orientador(a)

Aluísio Alberto Dantas, (M.sc.)
Membro examinador

Fátima Cristina de Lara Menezes, (M.sc.)
Membro examinador

Natal, ____ de ____ de ____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado força e coragem para continuar, assim como a oportunidade de realizar o sonho de concluir um curso superior, também por estar sempre comigo em todos os momentos de minha vida

Aos meus pais – Crispim de Oliveira e Maria Salete, por tudo que puderam me oferecer, os exemplos e valores que me foram passados durante todos os anos de minha vida.

Aos meus lindos sobrinhos – Fausto Victor e Isaura Cristinne, que mesmo sem entenderem muito a minha dedicação para a realização deste trabalho, foram crianças compreensivas e amáveis.

A minha professora e orientadora Rosângela de Menezes por ser uma pessoa tão maravilhosa e paciente para comigo, me dando força e coragem para enfrentar problemas do dia-a-dia, e me fazer acreditar que tudo é possível, basta querer.

Aos que fazem o Projeto Mãos Dadas, do qual faço parte com muito orgulho, pois foi nele que encontrei pessoas maravilhosas e amigas, com as quais aprendi muito, e que muitas vezes, embora sem saber traziam-me palavras de conforto e carinho. Em especial a Liliane que considero uma pessoa amável, gentil e atenciosa a qual agradeço de todo coração.

A minha amiga Fátima Maranhão, que em momentos de dificuldades me orientou e fez com que eu não desistisse, e continuasse a caminhar.

A equipe dirigente do EJAC da Paróquia São Francisco de Assis, por terem compreendido os meus momentos de ausência para dedicação a este trabalho, em especial a Enio e Airles que são pessoas incríveis.

Agradeço também a todos que contribuíram de alguma forma, direta ou indiretamente para a realização desse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem sobre o crescimento acelerado da economia informal e suas transformações nas condições de trabalho, detalha um enfoque para as dificuldades, assim como, para as perspectivas, e o que leva os trabalhadores do camêdromo de bairro de Alecrim a optarem pela informalidade de seu negócio, e quais os meios de sobrevivência que esse trabalhador possui além do trabalho informal.

O trabalho foi realizado mediante aplicação do método de pesquisa de tipo exploratória, com implementação das técnicas de entrevistas, afim de que fosse possível estar próximo dos consultados, permitindo a sondagem de informações que possibilita informar ao pesquisador a real importância do problema, tornando-o mais claro e de fácil acesso à interpretação das informações necessárias à construção dos resultados.

Palavras Chaves: economia informal, condições de trabalho

Digno de admiração é aquele que tendo tropeçado ao dar o primeiro passo, levanta-se e segue em frente.

Carlos Fox

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem sobre o crescimento acelerado da economia informal e suas transformações nas relações de trabalho, dando um enfoque para as dificuldades, assim como, para as perspectivas, e o que leva os trabalhadores do camelódromo do bairro do Alecrim a optarem pela informalidade de seu negócio, e quais os meios de sobrevivência que esse trabalhador possui além do trabalho informal.

O trabalho foi realizado mediante aplicação do método de pesquisa do tipo exploratória, com implementação das técnicas de entrevista, afim de que fosse possível estar próximo dos consultados, garantido a sondagem de informações que possibilite informar ao pesquisador a real importância do problema, tornando-o mais claro e de fácil acesso à interpretação das informações necessárias a construção dos resultados.

Palavras Chaves: economia informal, relações de trabalho

ABSTRACT

LISTA DE GRÁFICOS

The present work makes a broaching on the sped up growth of the informal economy and its transformations in the work relations, giving an approach for the difficulties, as well as, for the perspectives, and that it takes the workers of free trade of the Alecrim district to opt to the informality of its business, and which the ways of survival that this worker possess beyond the informal work.

The work was carried through by means of application of the method of explore research, with implementation of the techniques of interview, to that it was possible to be next to the consulted ones, guaranteeing the sounding of information that it makes possible to inform to the researcher the real importance of the problem, becoming it more clearly and of easy access to interpretation of necessary information to construction of the results.

Informal economy, relations of work.

LISTA DE SIGLAS

LISTA DE GRÁFICOS

DIEESE: DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS

GRÁFICO 01: OPÇÃO PELO TRABALHO INFORMAL_____	27
GRÁFICO 02: DEIXARIA A INFORMALIDADE_____	28
GRÁFICO 03: OUTRA FONTE DE RENDA_____	28
GRÁFICO 04: OUTRAS FONTES DE RENDA EXISTENTE_____	29
GRÁFICO 05: OUTRAS PESSOAS DA FAMÍLIA QUE TRABALHAM_____	29
GRÁFICO 06: ONDE OS OUTROS FAMILIARES TRABALHAM_____	30
GRÁFICO 07: DESENVOLVERIA OUTRA ATIVIDADE COM UMA RENDA FIXA_____	30
GRÁFICO 08: TIPOS DE ATIVIDADES QUE DESENVOLVERIAM_____	31
GRÁFICO 09: PRINCIPAIS DIFICULDADES PARA SE ABRIR UM NEGÓCIO FORMAL_____	32
GRÁFICO 10: FRASE QUE MELHOR DESCREVE A SITUAÇÃO DO TRABALHADOR_____	33
GRÁFICO 11: SEXO_____	34
GRÁFICO 12: ESTADO CIVIL_____	34
GRÁFICO 13: FAIXA ETÁRIA_____	35
GRÁFICO 14: RENDA MENSAL FAMILIAR_____	36
GRÁFICO 15: NÍVEL DE ESCOLARIDADE_____	37

LISTA DE SIGLAS

DIEESE: DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS

SÓCIO-ECONÔMICOS _____ 14

PEA: POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA _____ 24

LISTA DE ANEXOS

LISTA DE FIGURAS

1 - INTRODUÇÃO	12
ANEXO: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	43
1.2 - CARACTERIZAÇÃO	13
1.3 - OBJETIVOS	13
1.3.1 - Objetivo Geral	13
1.3.2 - Objetivos Específicos	13
1.4 - JUSTIFICATIVA	13
2 - REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 - SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAÍS	17
2.1.1 - Carga Tributária	18
2.2 - MERCADO DE TRABALHO	19
2.3 - O MERCADO X RELAÇÃO DO TRABALHO	19
2.4 - MERCADO DE TRABALHO X QUALIFICAÇÃO	20
2.5 - INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO	20
2.6 - LEGISLAÇÃO TRABALHISTA	21
2.7 - SETOR FORMAL	22
2.8 - SETOR INFORMAL OU ECONOMIA PARALELA	23
2.9 - O DESDOBRAMENTO DA ECONOMIA INFORMAL NO ESTADO E NA CAPITAL	24
3 - METODOLOGIA	25
3.1 - TIPO DE PESQUISA	25
3.2 - POPULAÇÃO E AMOSTRA	25
3.3 - COLETA DE DADOS	26
3.4 - TRATAMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS	26
4 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	27
4.1 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ALCANÇADOS	27
5 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXO	43

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

1- INTRODUÇÃO	12
1.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO	13
1.2 – CARACTERIZAÇÃO	13
1.3 – OBJETIVOS	15
1.3.1 – Objetivo Geral	15
1.3.2 – Objetivos Específicos	15
1.4 – JUSTIFICATIVA	15
2 – REFERENCIAL TEORÍCO	17
2.1 – SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAÍS	17
2.1.1 – Carga Tributária	18
2.2 – MERCADO DE TRABALHO	19
2.3 – O MERCADO X RELAÇÃO DO TRABALHO	19
2.4 – MERCADO DE TRABALHO X QUALIFICAÇÃO	20
2.5 – INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO	20
2.6 – LEGISLAÇÃO TRABALHISTA	21
2.7 – SETOR FORMAL	22
2.8 – SETOR INFORMAL OU ECONOMIA PARALELA	23
2.9 – O DESDOBRAMENTO DA ECONOMIA INFORMAL NO ESTADO E NA CAPITAL -	24
3 – METODOLOGIA	25
3.1 – TIPO DE PESQUISA	25
3.2. – POPULAÇÃO E AMOSTRA	25
3.3 – COLETA DE DADOS	26
3.4 – TRATAMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS	26
4 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	27
4.1 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ALCANÇADOS	27
5 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXO	43

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado aborda o tema economia informal ou paralela, que atualmente encontra-se em destaque num mercado cada vez mais competitivo e globalizado, o que significa dizer que os desafios são maiores, não apenas para o mercado informal, mas principalmente para a economia formal, que mesmo em desenvolvimento sofre às conseqüências, gerada pelas transformações a que o mercado de trabalho está exposto.

Nos últimos anos, a economia paralela diante das crises sofrida pelo mercado, vem se acentuando e ganhando espaço de forma generalizada no país como um todo, sendo considerada um fenômeno. Nesse sentido vale ressaltar a posição de Paiva (1996, p.01) quando ele fala sobre o conceito de mercado informal, dizendo que o conceito teórico do setor informal varia segundo a formação e a ideologia de cada analista, ou seja, os conceitos operacionais existentes para medir o fenômeno, entretanto, são mais restritos, pois a base de dados existente limita suas variedades. Uma dessas medidas avalia o grau de informalidade pela participação dos trabalhadores sem carteira assinada e dos por conta-própria no total dos ocupados. Nesse sentido, o tamanho relativo do setor informal vem aumentando nos últimos anos.

Uma das principais características do setor é a heterogeneidade. Nele estão contempladas pessoas que operam no mercado de trabalho, propriamente dito (os que não tem carteira assinada) e os que produzem ou comercializam bens ou serviços (os autônomos e os pequenos empregadores), ou seja, aquele grupo que teoricamente deveria estar amparado pela legislação trabalhista está se afastando da rede de proteção social em um fenômeno que comporta várias hipóteses.

O entendimento, tanto das possíveis causas que determinam o tamanho do mercado informal quanto do seu funcionamento, assim como a sua qualificação, tornam-se cruciais desde o ponto de vista da política econômica, na medida em que os impactos dos seus diferentes instrumentos implementados mediante os sistemas de regulação e de tributação, dentre outros, sobre o desempenho da atividade econômica serão completamente diferentes. Portanto a análise da freqüência com que as atividades informais ocorrem, e da sua interação com a economia formal será essencial para uma efetiva atuação em termos de política econômica. Outra questão notável é que os indicadores econômicos oficiais como, desemprego, renda e consumo, para uma efetiva política econômica, não seriam confiáveis na presença de uma economia informal crescente, podendo gerar distorções entre as medidas adotadas e as medidas necessárias para uma melhor adequação à realidade econômica.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A economia informal é seguramente um dos grandes temas deste século. Tornou-se assunto obrigatório na imprensa e motivo de estímulo crescente a estudos acadêmicos. O crescimento da informalidade na economia, caracterizado, inclusive, pelo número cada vez maior de atividades econômicas que atuam à margem da economia oficial, coloca em cheque, além das questões sociais daí decorrentes, o sistema estatal de fiscalização e de arrecadação tributária, gerando uma produção de riquezas que não é documentada nas estatísticas.

Por outro lado, não se pode deixar de considerar a influência do processo de globalização no fortalecimento desse fenômeno. Parece-nos indubitável que esse setor utiliza-se dos mesmos mecanismos de transferências de mercadorias advindos da globalização, para fazer circular, em nível mundial, a maior parte dos produtos comercializados pela economia paralela. Com efeito, não se pode negar que o comércio informal é o meio pelo qual a indústria da pirataria dá vazão a sua produção.

A relevância das questões sociais envolvidas, especialmente aquelas relacionadas com a redução dos postos de trabalho do setor formal e o conseqüente aproveitamento desta mão-de-obra pelas atividades informais, faz com que haja um nível satisfatório de tolerância, de modo que o Estado se vê pressionado a encontrar soluções que preservem essas atividades, garantindo, no entanto, a mínima taxação tributária sobre elas. Com efeito, a construção, pelo Poder Público, de espaços destinados ao mercado informal (conhecidos como shoppings populares) demonstra a preocupação do Estado em tentar “formalizar”, com o mínimo de normatização jurídica, o desenvolvimento da economia paralela.

Como se pode observar, o entrosamento, a tolerância, a interdependência, assim como todas as considerações de índole humanitária (economia informal como meio de sobrevivência), e até mesmo ética, conspiram para que a economia informal se consolide, mesmo em detrimento da arrecadação tributária.

Assim sendo, apresento o seguinte questionamento: **O que leva o pequeno empresário do bairro do Alecrim a optar pela informalidade de seu empreendimento?**

1.2 CARACTERIZAÇÃO

O mercado informal que abrange os trabalhadores autônomos (que trabalham por conta própria), sem vínculo empregatício, é uma alternativa cada vez mais utilizada como meio de subsistência no estado do Rio Grande do Norte. Acompanhando uma tendência

nacional, promovida pelo fechamento de milhares de postos de trabalho do setor formal, o mercado informal do Estado, é o que mais tem gerado empregos. Prova disso é o fato de que, somente em Natal cerca de 62,8% dos desempregados vivem de “bicos” utilizando o setor informal como única fonte de rendimento, segundo dados do Dieese.

A queda do número de vagas no setor formal tem promovido uma verdadeira revolução no mercado de trabalho local. Em visita aos locais de maior concentração de profissionais autônomos, foi possível verificar que muitos não concluíram o ensino médio, alguns ainda estão cursando. Apesar do baixo grau de escolaridade da maioria dos profissionais autônomos, ainda há um contingente significativo de trabalhadores com boa formação escolar ingressado em empregos de caráter informal.

Todos os dias, a movimentação de ambulantes que circulam entre os bairros do Alecrim e Cidade Alta é intensa, dificultando muitas vezes até a passagem de pedestres nos locais. Além dos camelôs, outro grupo, vem aumentando os índices da informalidade trabalhista no Estado. Os feirantes, que também formam um grupo expressivo de trabalhadores que também estão fora do mercado formal da economia. Em Natal, são mais de 20 feiras populares espalhadas pelos bairros da cidade.

O Alecrim é um lugar onde comporta uma grande quantidade de camelôs que dividem as calçadas com os pedestres. O Bairro que tem como marca registrada, o comércio de produtos populares como: lojas de sapatos, tecidos, confecções, produtos agrícolas entre outros, não esquecendo as barbearias que resistem ao tempo assim como os bares e esquinas com jogo do bicho, uma tradição do lugar.

Na década de 80, foi realizada a construção do então shopping popular (camelódromo) do Alecrim, na tentativa de resolver o antigo dilema gerado entre vendedores ambulantes e comerciantes locais. Sua construção marcou a vida do lugar. O local, comporta a maioria dos vendedores ambulantes, garantindo assim, seu lugar no espaço construído para comercializar seus produtos que são os mais diversificados possíveis, como também garantir a sobrevivência da família, já que a maioria sobrevive da renda gerada no local. Erguido no centro do ponto forte do comércio no Alecrim, o shopping popular (camelódromo) é composto por 417 boxes, os quais são distribuídos entre os mais variados tipos de produtos como: roupas infantil e adultos, calçados em geral, cintos e bolsas, CDs, acessórios para celular, acessórios eletro eletrônicos, sebos, alimentos, chaveiros, consertos diversos e ainda produtos diversificados como brinquedos e produtos eletro eletrônicos.

O local dispõe de um espaço destinado a administração do mesmo, onde existe uma pessoa que faz o trabalho. Essa pessoa é escolhida por uma comissão que é formada

pelos próprios integrantes do local, e é composta por presidente, vice, tesoureiro(a) e secretário(a), sendo aberta a qualquer um que queira se candidatar. A manutenção, assim como as melhorias do local são feitas através da administração, por meio de uma taxa no valor de R\$ 15,00 que é paga mensalmente por todos os ocupantes de cada box.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

O objetivo do presente estudo é o de revelar o que leva os trabalhadores do bairro do alecrim a optar pela informalidade do seu empreendimento.

1.3.2 Específicos

Conforme os propósitos da natureza do projeto especificamente objetiva-se:

- Identificar as principais dificuldades encontradas para se abrir um negócio formalizado.
- Identificar o que leva um trabalhador a optar pelo mercado informal.
- Identificar qual(is) o(s) meio(s) de sobrevivência que o trabalhador possui, além do trabalho informal.

1.4 JUSTIFICATIVA

A realização deste trabalho tem o propósito de demonstrar e relatar as dificuldades encontradas pelos trabalhadores do comércio informal, assim como, descrever e destacar a importância do estudo do sistema informal o qual pode contribuir, tanto para o desenvolvimento da economia como para desenvolvimento humano, já que trata de questões sociais relacionadas ao meio de sobrevivência das pessoas.

Dáí, a importância de destacar qual a conjuntura atual das relações de trabalho, ou seja, hoje as grandes empresas desempregam mais do que contratam, sendo as pequenas e médias que geram emprego, aqui e mundo afora. Mas, existe um agravante, em vez de fortalecer a pequena e média empresa, quase todos os governos brasileiro a ignoram ou a enfraquecem. Com isso assistimos a uma sistemática destruição desse setor no Brasil. Os

ricos com suas grandes empresas já não criam mais empregos e os pobres não têm como gera-los.

De vinte anos para cá, além de aumentarem os impostos, reduziram os prazos de pagamentos de 120 para 15 dias. Hoje, as empresas precisam pagar 40% de sua receita ao governo antes de receber, o capital de giro dessas empresas sumiu. Em vez de financiar a produção, financia ao governo. Parece conveniente dizer que, com base nas informações, para se abrir uma empresa hoje e se manter viva no mercado é praticamente impossível, posto que, o grau de regulamentação da economia, a alta carga tributária, a alta taxa de desemprego, a falta de valorização do trabalho, a grande influência do processo de globalização tendem a atuarem como fortes fatores que determinam o fortalecimento da economia informal no país.

A informalidade brota e prospera, sobretudo onde as perspectivas econômicas são ralas e os trabalhadores, pouco qualificados se alastram quando o desemprego aumenta. Sua raiz está no excesso de regulamentação da economia, que dificulta e encarece a legalização dos negócios.

O presente estudo torna-se relevante, do ponto de vista teórico, pelo fato de proporcionar conhecimentos à complementação da formação acadêmica e ao desenvolvimento profissional e pessoal da pesquisadora.

Baseado nesta exposição justifico a realização da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAÍS

Grandes crises marcaram o desenvolvimento econômico e social do Brasil, assim como sua grande dependência sócio-econômica desde o início, de outras províncias e ou países. Nesse contexto, pode-se dizer que a economia brasileira apresenta um sistema complexo e não estruturado, dificultando e muita sua compreensão, tornando-a também complexa.

A teoria econômica permite-nos construir um modelo simples e de fácil entendimento de acordo com cada realidade, sendo possível observar que a economia brasileira é constituída por um sistema e é estruturada. Suas relações não ocorrem por acaso, ou seja, obedecem a uma lógica: a lógica da acumulação capitalista. (PEREIRA, 1998, p. 19)

No que tange ao desenvolvimento do país, o Brasil é considerado um país de economia subdesenvolvida, mas com tendência para desenvolvimento em alguns setores, ficando em uma situação intermediária e às vezes contraditória pelo fato de estar entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento e não apresentar um tipo de economia definida desde o princípio. (PEREIRA, 1998, p.19).

No início do século XX o país apresentava uma economia capitalista industrial, de repente saltou da etapa competitiva e passou para uma sociedade capitalista monopolista de Estado, isso pelo fato da predominância das grandes empresas nacionais e das multinacionais instaladas aqui no Brasil, e ainda pelo grande Estado regulador e produtor. (PEREIRA, 1998, p. 19).

Dada a importância desses fatos, os resultados evidenciam que a economia brasileira atual é fruto de um processo histórico lento e complexo, marcado por grandes potencialidades e enormes desequilíbrios. A renda do país é extremamente concentrada, os lucros dos capitalistas predominam já os salários dos trabalhadores são muito baixos. Devido aos desequilíbrios de nosso endividamento externo e interno, aos altos juros, a inflação ainda não controlada, o alto índice de corrupção, a economia torna-se vulnerável e estar sempre ameaçada de crises. Daí a importância de reformas urgentes no âmbito econômico, social e político.

Ainda, segundo Pereira (1998, p.20)

Todos esses desequilíbrios ocorrem nos quadros de um capitalismo selvagem e freqüentemente autoritário, que obedece à lógica da acumulação e do consumo de luxo; de um capitalismo de Estado em que a tecnoburocracia é, ao mesmo tempo, a grande responsável pelo desenvolvimento e a grande co-responsável (com a burguesia) pelo autoritarismo e pelo consumismo; [...] no qual o surgimento de uma grande classe média moderna, que reproduz os padrões de consumo do centro desenvolvido, condiciona o tipo de crescimento econômico excludente próprio do modelo brasileiro de subdesenvolvimento industrializado.

2.1.1.1.Carga Tributária

Segundo pesquisa de Velloso, (2003, p.19) a situação tributária brasileira padece, principalmente por não existir uma ordenação das fontes de poder de sua criação. Os governos federal, estaduais e municipais, dispõem desse poder de criar e cobrar tributos, entre impostos, contribuições e taxas. O grande dilema é que cada um usa desse atributo em benefício próprio, ou seja, de acordo com seus interesses e necessidades, sem levar em conta o efeito que traz ao sistema tributário e a sociedade como um todo.

No Brasil não existe uma política fiscal unificada, com isso, demanda uma grande quantidade de impostos, e o pior: sua arrecadação não é feita corretamente, ou seja, não tem um destino justo e claro, muitas vezes é usufruído pelo devaneio da corrupção, isso implica o mal uso do dinheiro arrecadado.

Face ao exposto, não é à-toa que os economistas elegem o sistema tributário brasileiro como um dos principais vilões para o desenvolvimento da economia nacional, devido a sua complexidade e também pelo poder que exerce sobre o setor produtivo, quando o mesmo não suporta o peso do sistema. (ROSA, 2004) Em linhas gerais, os empresários atribuem em grande parte, ao atual sistema tributário a retirada da competitividade do setor, gerando seu enfraquecimento, daí a dificuldade de se manter no mercado contribuindo com o crescimento da economia através da geração de renda e emprego. Em consequência disso, clamam pela urgência de uma reforma tributária simples e mais justa para o país.

Conforme Rosa (2004)

O governo, por sua vez, reconhece que, para que haja um efetivo crescimento econômico nacional, é necessário que a tributação incida preponderantemente sobre a renda, e não sobre o setor produtivo, que sejam extintos os tributos incidentes em cascata, que não haja qualquer ônus tributário sobre as exportações, além da necessidade de que a tributação incida sobre o maior número possível de contribuintes, ou seja, o governo também clama por uma Reforma Tributária.

2.2 MERCADO DE TRABALHO

De acordo com estudo realizado em parceria entre a CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA e o SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS ([2000], p.15) o mercado de trabalho nos últimos anos em todo o mundo vem passando por intensas transformações, em decorrência, tanto da globalização como das transformações tecnológicas, ou seja, a revolução na tecnologia da informação, afetando de forma profunda, não apenas quantitativamente o emprego, mas mudando com determinação a natureza das relações de trabalho e ainda o conceito do que é emprego.

As conseqüências dessas mudanças são as exigências expostas pelo mercado cada vez mais agressivas, ou seja, o trabalhador para competir no mercado, além de enfrentar as injustiças, frutos de um sistema econômico capitalista, que não garante o direito ao estudo e ao trabalho, emperrando o crescimento da economia, o mesmo tem que se desdobrar para acompanhar a grande demanda na procura de emprego, com suas exigências no âmbito de conhecimentos, capacitação, habilidades, flexibilidades entre outras.

As mudanças são desafiadoras. Ainda não se conhece todos os efeitos da globalização. Antes, o trabalhador era visto como homogêneo e estático; o capital como fonte de progresso tecnológico. Hoje o dinamismo econômico está cada mais no conhecimento, nas habilidades e na experiência dos trabalhos, e não no capital físico ou nas empresas. A qualidade dos trabalhadores e a eficiência de sua relação com as empresas determinarão em última análise a rapidez do progresso econômico das nações. (AMADEO, 2004)

2.3. O MERCADO X RELAÇÃO DO TRABALHO

É notório que o mercado de trabalho se diversificou, demandando novas formas de trabalho. Todavia, a legislação manteve-se quase intacta, protegendo apenas a relação típica de subordinação na qual as proteções são atreladas ao emprego e não aos trabalhadores. (PASTORE, 2004)

O mercado de trabalho não vai reverter sua tendência para se ajustar a uma lei que é limitada a apenas a um dos seus inúmeros seguimentos – o do emprego. O mundo atual é muito diferente do que prevaleceu nas décadas de 30,40 e 50 quando as leis de proteção foram implantadas, na Europa, América do Norte e América Latina. Hoje, o trabalho industrial estar em menor escala tendo sido substituído pelas atividades do comércio de serviços. (SINGER, 1999, p.119)

Pastore (2004) diz que a lição que se pode tirar das transformações que vem ocorrendo nas relações de trabalho é a de que é errônea a idéia de que as mesmas querem desregulamentar o mundo do trabalho, ao contrário, essas transformações devem contribuir para a exigência de uma regulamentação que seja capaz de proteger todas as formas de trabalho humano.

2.4. MERCADO DE TRABALHO X QUALIFICAÇÃO

O mercado de trabalho do novo milênio é exigente e diversificado, demandando novas formas para que o profissional se mantenha nele. Nesse contexto é importante abordar o que (PASTORE, 2004) diz quando ele fala das relações de trabalho e suas transformações, dando um destaque para a importância da qualificação do trabalhador. Ai ele faz um comparativo do Brasil com outros países, onde os mesmos se beneficiam por terem profissionais com boa educação, bem treinados, tendo em média 14 anos de escola. Em contrapartida, “o Brasil está na contramão. A força de trabalho tem apenas 4,5 anos de escola – e má escola. O número de profissionais bem treinados é mínimo. Nessas condições, seremos pouco procurados para os trabalhos da sociedade do conhecimento”.

Para que o profissional se mantenha no mercado, uma das soluções é se reciclar, fazer treinamento profissional, estando sempre por dentro dos acontecimentos do mercado. “A qualificação, maior interessa ao trabalhador individual para obter uma vantagem na luta por emprego”. (SINGER, 1999, p. 120).

2.5. INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

O mundo globalizado tornou-se mais aberto e receptivo, sua abertura gerou fortes perspectivas na economia global. A globalização veio promovendo euforia com muitas novidades de consumo, mas logo provocou desencantos pelas conseqüências gerada na economia como: crises financeiras, a quebra de empresas e cortes de postos de trabalho. (SINGER, 1999, p. 118).

O resultado conjunto das mudanças geradas pelo efeito “globalizado” causou uma acentuada elevação do desemprego e do subemprego em todas as formas, e ainda o agravamento da exclusão social. A globalização é um processo de reorganização da divisão internacional do trabalho, acionado em parte pelas diferenças de produtividade e de custos de produção entre países. (SINGER, 1999, p.119).

Sua influência no mercado de trabalho requer maior responsabilidade na estrutura econômica e institucional, e ainda um maior esforço quanto às formas de adaptação as múltiplas facetas levadas a muitas interpretações. Enfim, a globalização, direta ou indiretamente provoca mudanças quantitativas e qualitativas no mercado de trabalho, exige ainda política de adaptação das condições institucionais e estruturais para amenizar seus impactos negativos aproveitando as oportunidades oferecidas. O efeito direto sobre o mercado de trabalho e a redução da demanda de mão-de-obra e a maior exigência qualitativa da mesma. Quanto ao efeito indireto, o crescimento das importações e do déficit da balança comercial, aumentando a vulnerabilidade do país as crises externas e a recessão. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA e SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, [2000], p.31).

2.6 LEGISLAÇÃO TRABALHISTA

A legislação trabalhista brasileira é ultrapassada e dificulta as relações de trabalho, pelo fato de ter uma justiça lenta. Faz parte de um modelo trabalhista antigo, no qual o conflito entre empresa e empregado é colocado acima da negociação. De acordo com Vassallo (1999, p. 106) “A lei se sobrepõe a realidade de mercado e o Estado determina quais são seus interesses, como e quando eles devem ser exercidos”. Pastore (2004) diz que, “o principal problema da justiça do trabalho está fora dele”.

O Brasil ainda é um país que fica para trás em se tratando de mudanças como globalização, competitividade mundial, flexibilidade, desenvolvimento tecnológico, sendo estes fatores avanços implacáveis que leis não podem deter. O mundo cada vez mais se volta para o conceito de trabalho, aqui ainda falamos de emprego, com horários, salários, responsabilidades e espaços imutáveis. Por sua vez, Vassallo (1999, p. 107) afirma que o erro “está numa legislação concebida há mais de 50 anos e que já se transformou numa barreira à competitividade das empresas brasileiras”.

Após ser criada a mais de 55 anos pelo governo Getúlio Vargas, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT vem embalada por 922 artigos que tratam de diversas atividades, determinado como corporação e funcionários devem agir. Valendo para empresas de qualquer porte, de uma Microsoft a oficina mecânica do bairro. O mercado está precisando incorporar regras mais flexíveis, com novas formas de contratos, diminuir o custo do trabalho, reduzir encargos sociais, devendo o Estado reduzir também sua interferência.

Segundo Vassallo (1999, p. 111) as empresas contratam menos trabalhadores porque o governo torna o emprego muito oneroso. Atualmente 57% da população economicamente ativa - cerca de 40 milhões de pessoas – estão na informalidade, não tendo carteira assinada ou qualquer outro benefício. A maioria das micro e pequenas empresas não conseguem formalizar a contratação de seus funcionários, trazendo prejuízos aos trabalhadores e ao Estado. A realidade mostra a necessidade de uma reforma trabalhista.

Segundo Pastore (2004)

É verdade que leis não criam empregos. Mas leis de boa qualidade respeitam as especificidades dos vários segmentos do mercado de trabalho e ajudam a controlar legalmente. Não é possível tratar mundos desiguais de maneira tão igual. A continuar [...], o resultado será o aumento da exclusão social.

2.7 SETOR FORMAL

No Brasil, o mercado de trabalho formal nas últimas décadas foi duramente afetado pelas sucessivas crises da economia, sujeita as oscilações acentuadas do nível de atividade, as quais se somaram nos anos 90, o impacto das transformações provocadas pela globalização e as transformações tecnológicas da informação, a chamada “nova economia. Diante o exposto a economia formal tende a sofrer retrações. Em consequência disso, o setor informal encontra espaço para sua expansão. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA e SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, [2000], p. 18)

Duarte (1984, p.7) fala da retração do setor formal mesmo em fase de crescimento econômico, colocando parecer contraditório “o fato de tendo o seguimento informal da economia a sua capacidade de expansão determinada pelo crescimento do setor formal, esteja aquele se ampliando enquanto este está passando por uma fase de retração”.

O setor formal, em linhas gerais apresenta requisitos de regulamentação que dificulta o acesso e emperra o desenvolvimento de suas atividades, uma vez que suas exigências burocráticas, o alto grau de investimento, mão-de-obra especializada, assim como as obrigações tributárias, tornam visível a redução progressiva no número de pessoas regularmente empregadas no setor industrial e em outros setores da economia formal.

Segundo estudo realizado pela CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA e o SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS ([2000], p.15) nas nações industrializadas, o desemprego resulta no geral, de

aspectos conjunturais ou, como nos últimos anos, de mudanças profundas na economia, enquanto que naquelas em desenvolvimento o mercado formal convive com uma vasta camada de subemprego alternando períodos de maior ou menor informalidade no mercado de trabalho, em função de ciclos recessivos e de expansão.

Pastore (2004) afirma que “O novo mundo do trabalho não será o fim do emprego. Mas as transformações do emprego serão aprofundadas. Ao lado dele, crescerão as outras modalidades de trabalho, revolucionando a situação atual”.

2.8 SETOR INFORMAL OU ECONOMIA PARALELA

Para Cacciamali apud Duarte (1984, p.73) a produção informal é compreendida como o conjunto de formas de organização da produção, não se baseando para seu funcionamento, no trabalho regulamentado, ocupa espaços econômicos ora não vistos pelas formas de organização da produção capitalista, que estão, potencial ou efetivamente, a sofrer contínuos deslocamentos pela ação do desenvolvimento econômico. Esse setor, em função do padrão de crescimento e do desenvolvimento econômico encerrado em uma dada realidade, é representado por uma determinada composição de atividades, cuja importância pode variar em termos de espaço econômico, valor da produção e tamanho da composição do mercado.

No Brasil, como em vários países em desenvolvimento o acentuado crescimento da economia informal ou paralela é considerado um fenômeno e é particularmente inquietante, pelo fato da economia nacional se desdobrar em dois seguimentos, o formal e o informal, provocando cisões social de imprevisíveis conseqüências, entre elas um aspecto de extrema gravidade: a desmoralização do sistema de arrecadação tributária do Estado.

Segundo Demarchi (2003,p.13) no Brasil, por causa do alto índice de desemprego o setor informal é visto com certa complacência, afinal é através desse setor que sobrevive uma parcela considerável da população excluída pelo mercado de trabalho. Essa atribuição é considerada pelo fato de, ao iniciar suas pequenas atividades de subsistência, os mesmos não serem obrigados a abrir firma, contratar contador e recolher mensalmente uma bateria de impostos e taxas. Com isso o Estado tolera fazendo visas grossas por parte do fisco sendo, porém quase tudo que o país tem feito pelos muitos milhões de micro e pequenos empreendedores informais. Garantir, a mínima taxação tributária sobre eles, os quais dão ocupação a mais da metade dos 70 milhões de trabalhadores brasileiros.

Paiva (1996) fala que, desde o início dos anos 90, a informalidade vem crescendo de forma acentuada e generalizada no país como um todo. Suas atividades apresentam aspectos que se desdobra desde o comércio ambulante a pequena produção familiar, aos prestadores de serviços pessoais aos guardadores de carro, enfim, até o trabalho desenvolvido em casa através da tecnologia da informática e da internet. Essa tendência se contrapõe a queda dos trabalhadores regulamentados, cuja participação vem declinando no mesmo período.

2.9 O DESDOBRAMENTO DA ECONOMIA INFORMAL NO ESTADO E NA CAPITAL

No Rio Grande do Norte a economia informal vem a cada dia se desenvolvendo de forma acelerada, não estando fora da realidade brasileira, onde mais de 50% da PEA (População Economicamente Ativa) está inserida no setor informal da economia.

Carvalho (2002) destaca a queda do número de vagas no setor formal, como sendo uma das principais causas, o mesmo vem provocando uma verdadeira revolução no mercado de trabalho do Estado, que por falta de empregos, tende a se adaptar as novas tendências que a economia informal impõe. A informalidade hoje abriga uma grande parcela da mão-de-obra do Estado gerando postos de trabalho e renda para uma parcela da população ora excluída da sociedade.

O mercado informal do Rio Grande do Norte ultrapassa dos 60% da população ocupada, segundo dados do Dieese. O setor apresenta números expressivos, provocando uma heterogeneidade quanto ao perfil dos trabalhadores na economia, em termos de variedades em seguimentos de negócios e quanto sua estrutura, ou seja, são várias as modalidades desenvolvidas pelos trabalhadores, tanto no ramo de comércio como na prestação de serviços. O trabalho é pouco qualificado, as jornadas são extensas, alta rotatividade, baixos rendimentos do trabalho e financeiro, trabalhadores sem acesso às garantias oferecidas pela legislação trabalhista, mecanismos de proteção precárias, praticamente inexistentes, entre outras coisas.

Assim como em todo Estado, na capital não poderia ser diferente, pois é onde se concentra o maior pólo da informalidade, já que as pessoas migram do interior para a capital em busca de uma vida melhor. Uma vez que essas pessoas não tendo oportunidade no setor formal, as mesmas tendem a seguirem para a informalidade onde encontram meios de sobrevivência, tornando-se ambulantes ou autônomos.

METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa utilizado neste trabalho realizado no camelódromo do bairro do Alecrim consistiu em um estudo, do tipo exploratório.

De acordo com Selltitz et al; apud Gil (1996, p.45) estudo exploratório tem como objetivo maior interação com o problema, com vistas a torna-lo mais claro ou construir suposições, podendo-se dizer, que essas pesquisas tem como propósito principal, o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Para Santos (2001, p.26) pesquisa exploratória é explorar tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno, buscando quase sempre essa aproximação pela sondagem de materiais que possibilitem informar ao pesquisador a real importância do problema. Para tanto a pesquisa exploratória é quase sempre realizada como levantamento bibliográfico, entrevistas com profissionais que atuam na área.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população da pesquisa foi composta pelos micro e pequenos comerciantes do camelódromo, totalizando 417 boxes, tendo 9% de erro amostral e 95% de confiabilidade.

Foram aplicados 95 questionários. A amostra quanto à realização da pesquisa foi aleatória simples, onde cada indivíduo que faz a população terá chance de participar.

Para Vergara (1998, p.48)

População e amostra trata-se de definir toda a população e a população amostral. Entende-se aqui por população não o número de habilidades de um local [...], mas um conjunto de elementos (empresas, produtos, pessoas, por exemplo), que possuem as características que serão objeto de estudo. População e amostra é uma parte do universo escolhida segundo algum critério de representatividade.

A amostra da pesquisa foi aleatória simples porque segundo Vergara (1998, p.49) “cada elemento do meio o qual a pesquisa é realizada tem chance determinada de ser selecionado, em geral, atribui-se a cada elemento um número e depois faz-se a seleção aleatoriamente, ocasionalmente”.

3.3 COLETA DE DADOS

Para Santos (2001, p. 74) “coletar dados é juntar as informações necessárias ao desenvolvimento dos raciocínios previstos nos objetivos”.

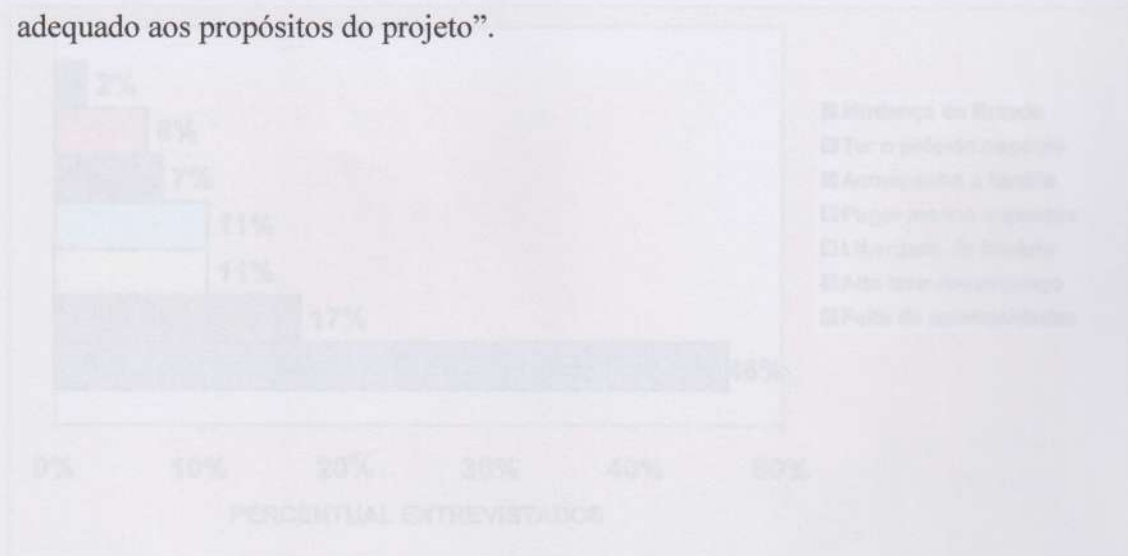
Vergara (1998, p. 52) diz que “questionário caracteriza-se por uma série de questões apresentadas ao respondente, por escrito”.

A coleta de dados foi realizada através de entrevista, com a utilização de um questionário semi-estruturado.

3.4 TRATAMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados seguiram critérios de interpretação e análise conforme apresentado por gráficos.

Para Vergara (1998, p. 57) “tratamento dos dados refere-se àquela seção na qual se explica para o leitor como se pretende tratar a coletar, justificando por que tal tratamento é adequado aos propósitos do projeto”.



FONTE: Pesquisa realizada junto aos micro e pequenas empreendedores de comércio de alimentos em São Paulo.

O gráfico 01 demonstra que a opção de trabalho mais escolhida pelos entrevistados foi a de ter uma rede de trabalho, com 46%, seguida pela opção de pagar pelos serviços, com 17%, e a opção de ter uma rede de trabalho, com 11%.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

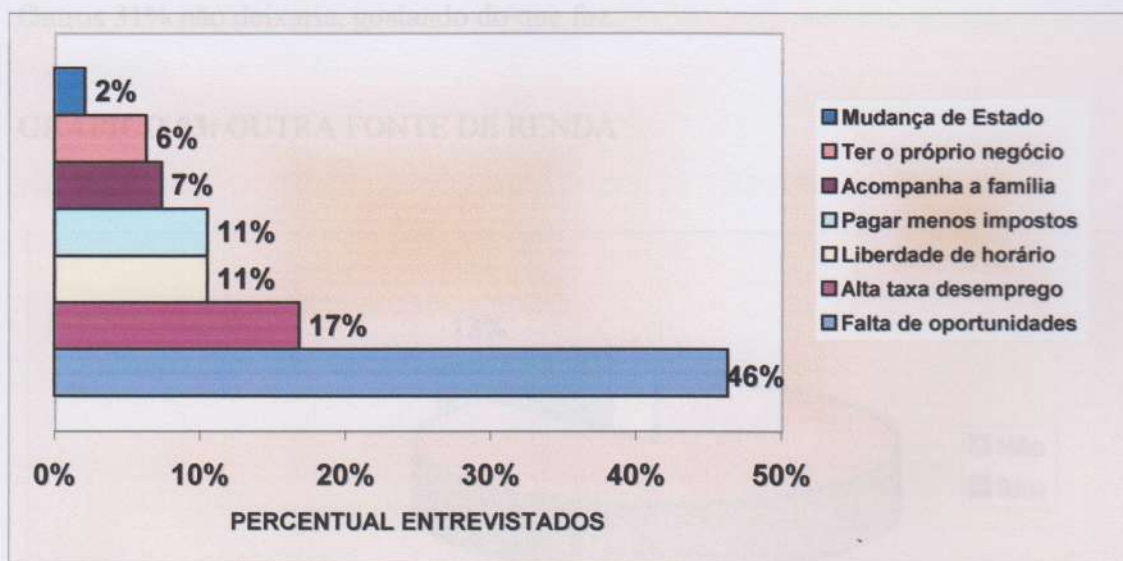
O objetivo deste capítulo é apresentar os principais resultados da análise dos dados obtidos na pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do Camelódromo do Alecrim no qual foi utilizado um questionário do tipo semi-estruturado.

4.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ALCANÇADOS

Os dados foram analisados através de programas disponíveis no Excell. Tendo como forma de apresentação, os gráficos de barras, pizza e colunas.

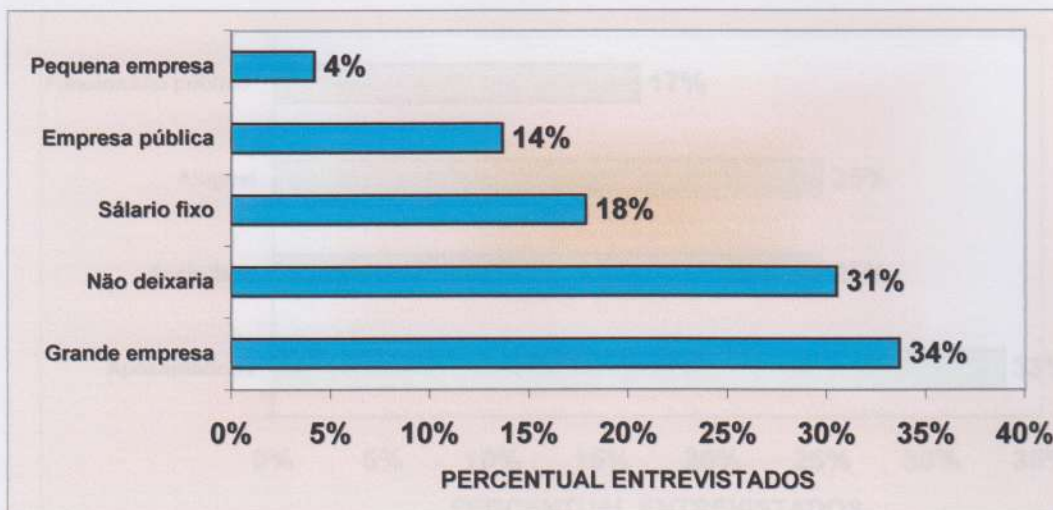
Os entrevistados que compuseram a amostra da pesquisa foram caracterizados com as seguintes variáveis:

GRÁFICO 01: OPÇÃO PELO TRABALHO INFORMAL



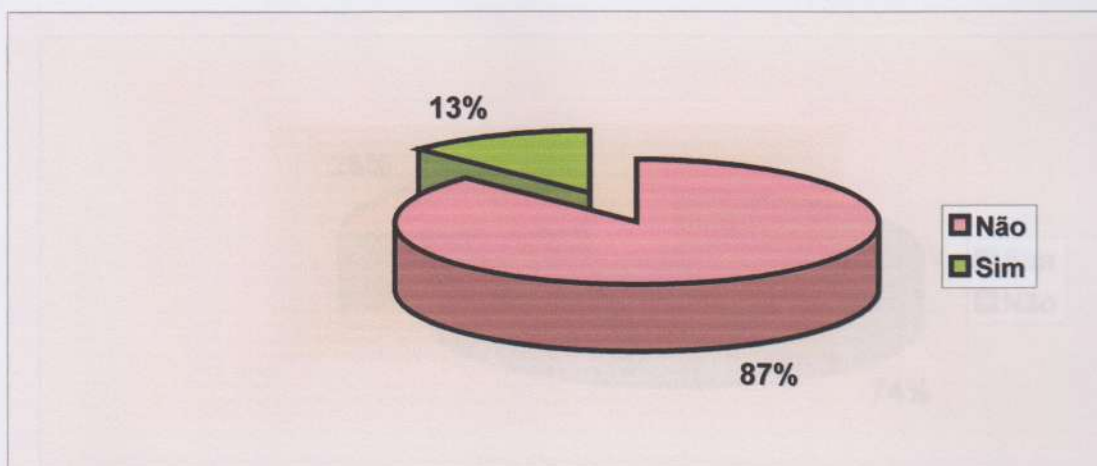
FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04.

O gráfico 01 demonstra que a opção dos trabalhadores pela informalidade está relacionada à falta de oportunidades, com 46%, estando a mesma relacionada também a alta taxa de desemprego com 17%, ficando em 11% tanto a opção por pagar menos impostos como mais liberdade de horário.

GRÁFICO 02: DEIXARIA A INFORMALIDADE

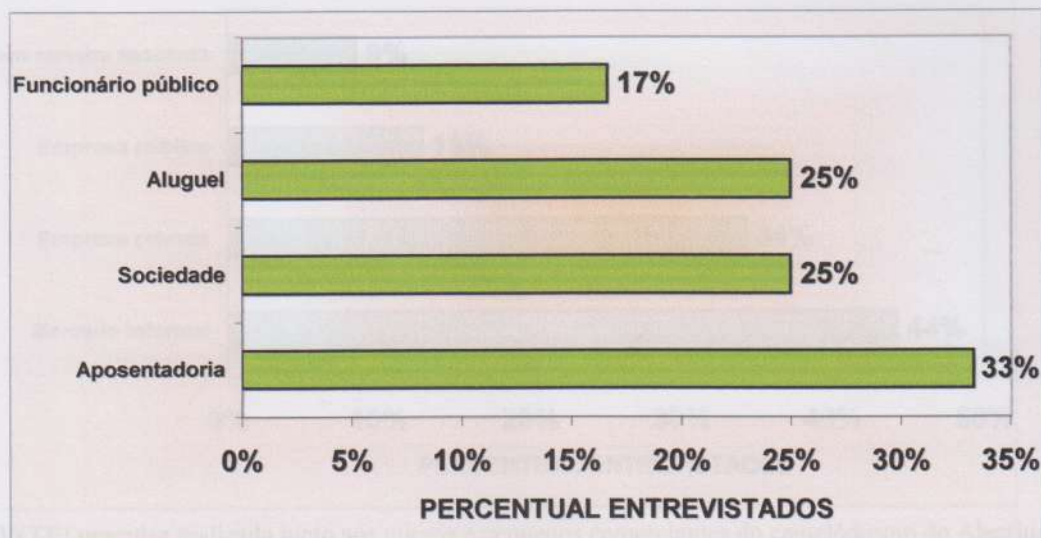
FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04

Conforme o que está exposto no gráfico, 34% dos entrevistados deixaria o trabalho informal para trabalhar em uma grande empresa, desde que tivesse oportunidade. Outros 31% não deixaria, gostando do que faz.

GRÁFICO 03: OUTRA FONTE DE RENDA

FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04.

Conforme o gráfico 03, 87% dos consultados não dispõe de outra fonte de renda além do trabalho que desenvolve na informalidade. Sendo essa a única fonte de sobrevivência da família.

GRÁFICO 04: OUTRAS FONTES DE RENDA EXISTENTE

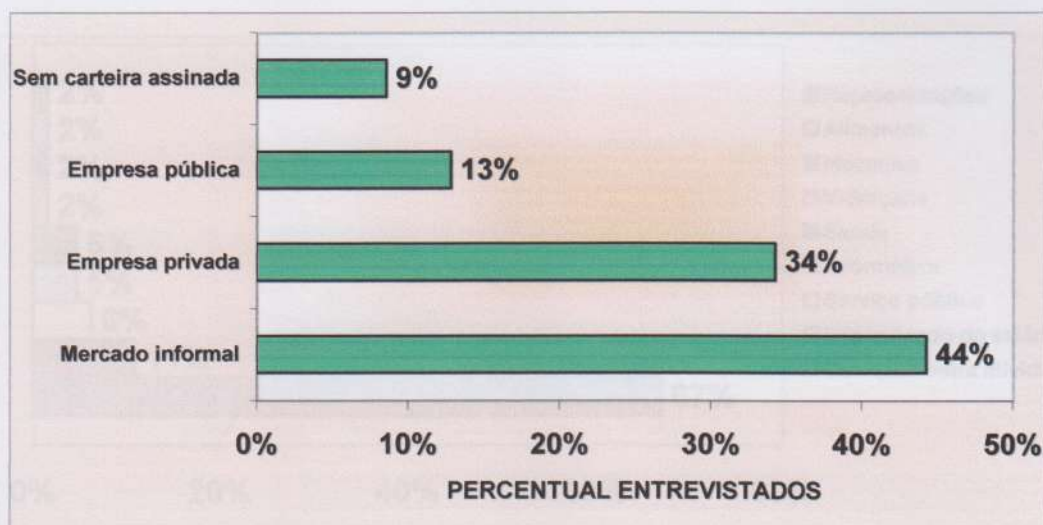
FONTE: pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04

Conforme o que demonstra os resultados do gráfico 04, dos 13% que dispunham de outra fonte de renda, 33% deles são aposentados, 25% tem uma sociedade e outros 25% tem aluguel.

GRÁFICO 05: OUTRAS PESSOAS DA FAMÍLIA TRABALHAM

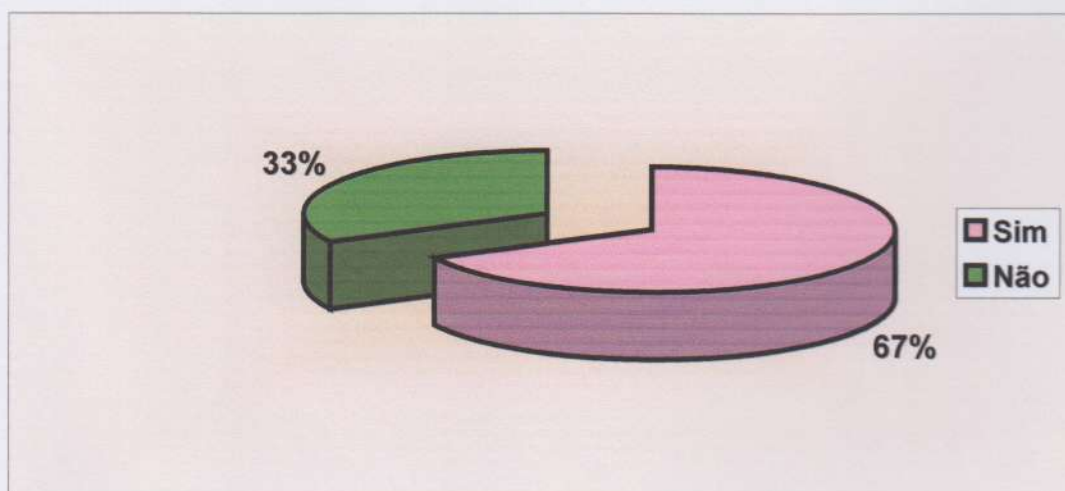
FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04.

Conforme dados apresentados no gráfico 05, 74% dos entrevistados, tem outras pessoas da família que também trabalham e contribuem para a renda familiar.

GRÁFICO 06: ONDE OS OUTROS FAMILIARES TRABALHAM

FONTE: pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04

Em relação onde outros familiares trabalham, o gráfico 06 apresenta que 44% deles também trabalham no mercado informal, tendo um percentual de 34% que trabalham em empresa privada.

GRÁFICO 07: DESENVOLVERIA OUTRA ATIVIDADE QUE TIVESSE UMA RENDA FIXA

FONTE: pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04.

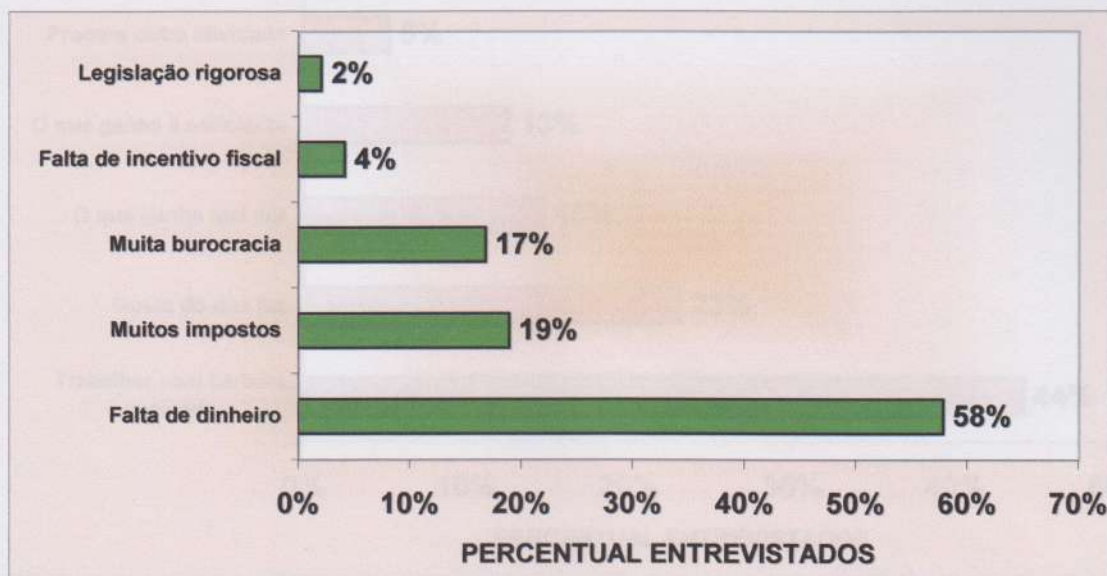
Segundo dados apresentados no gráfico 07, dos entrevistados, 67% gostariam de trabalhar em outra atividade e que tivesse uma renda fixa, por considerar mais seguro.

GRÁFICO 08: TIPOS DE ATIVIDADES QUE DESENVOLVERIAM

FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04

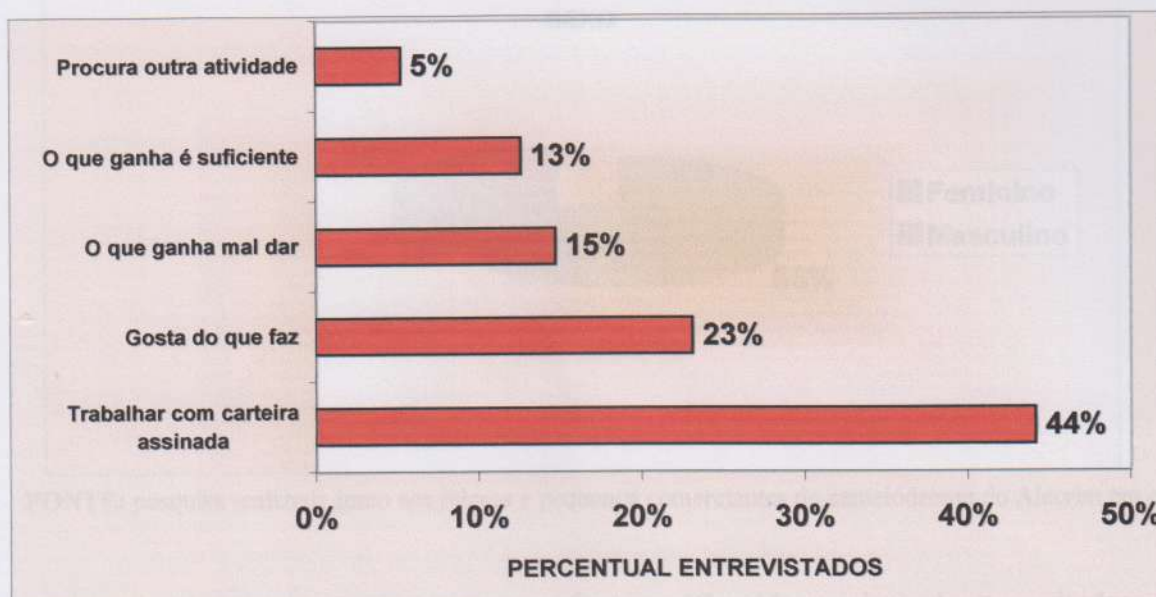
Conforme demonstra os resultados do gráfico 08, 67% dos consultados deixariam a informalidade para trabalhar em qualquer outra atividade, desde que tivessem uma renda fixa e garantisse seu sustento. Comprovando, que o trabalhador sente a necessidade de ter um trabalho que lhe traga segurança e estabilidade financeira.

GRÁFICO 09: PRINCIPAIS DIFICULDADES PARA SE ABRIR UM NEGÓCIO FORMAL



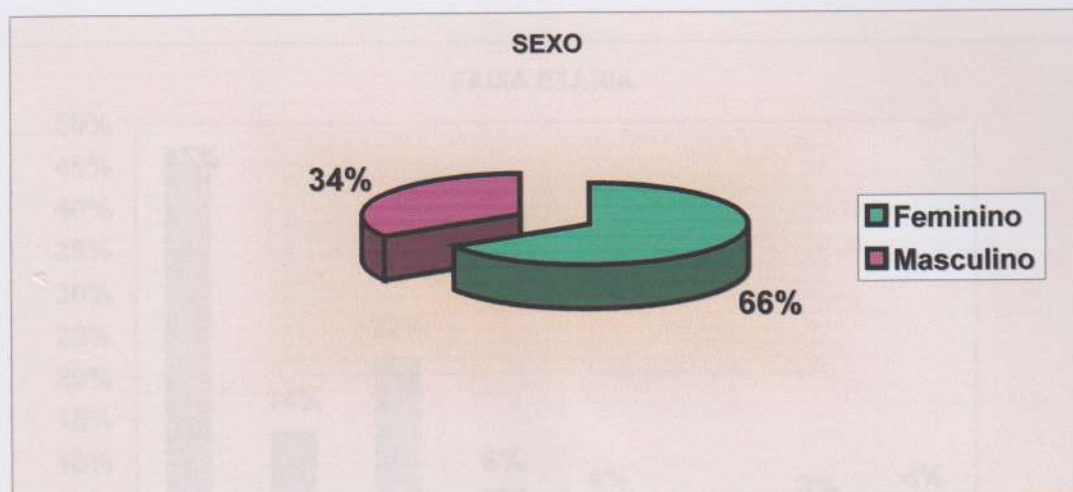
FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04.

O gráfico 09 apresenta os resultados em relação às dificuldades para se abrir um negócio formalizado hoje, aparecendo em 58% dos entrevistados a falta do dinheiro, e 19% a alta carga tributária e 17% o excesso de burocracia.

GRÁFICO 10: FRASE QUE MELHOR DESCREVE A SITUAÇÃO DO TRABALHADOR

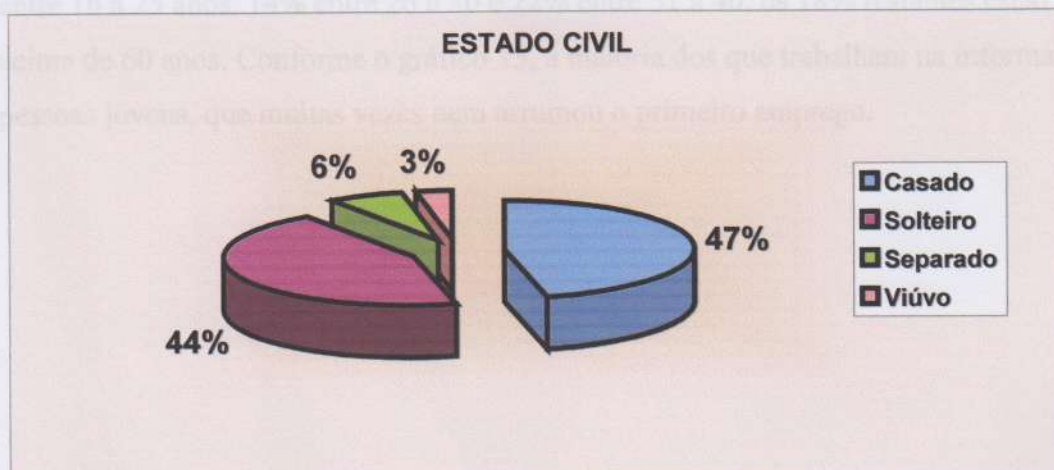
FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04

Conforme o que está exposto no gráfico 10, 44% opta pelo trabalho com carteira assinada vindo a comprovar o que está no gráfico 08, quando identifica que o trabalhador sente a necessidade e o desejo de um trabalho formal, com renda fixa, onde o mesmo possa garantir seu sustento. Não deixando de destacar que existe os que gostam do que faz não pretendendo mudar, com 23%.

GRÁFICO 11: SEXO

FONTE: pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04.

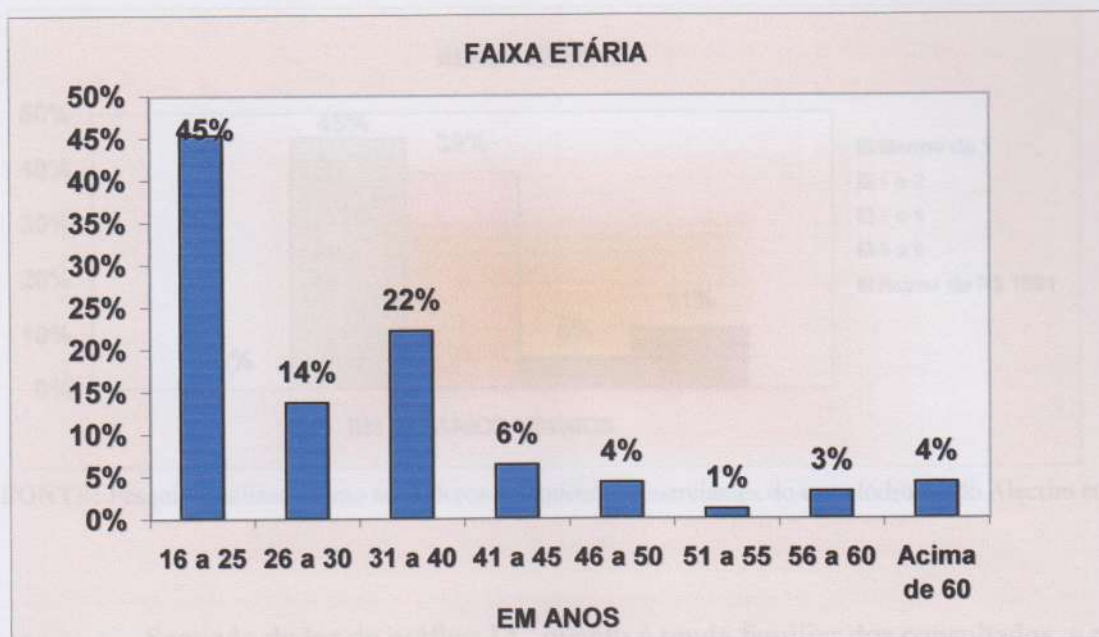
A pesquisa apresenta que, conforme gráfico 11, a maioria dos consultados pertence ao sexo feminino, ou seja, 66%.

GRÁFICO 12: ESTADO CIVIL

FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04.

Quanto ao estado civil dos entrevistados os resultados apresentam que 47% deles já constituíram uma família, ou seja, estão casados. Outros 44% ainda estão solteiros e os 9% restantes são separados e viúvos.

GRÁFICO 13: FAIXA ETÁRIA



FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04.

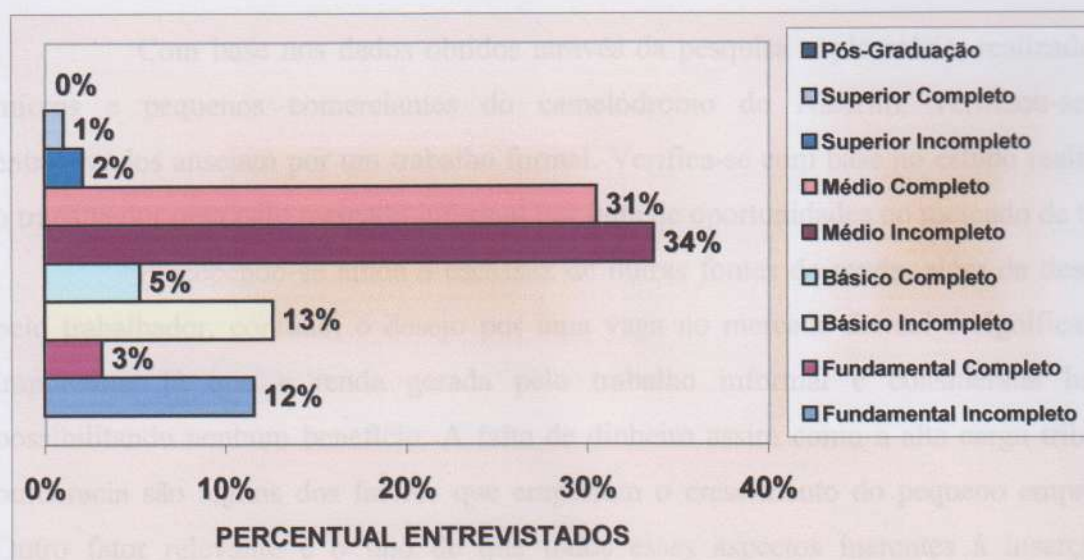
Quanto à faixa etária dos entrevistados os resultados demonstram que 45% têm entre 16 a 25 anos, 14% entre 26 a 30 e 22% entre 31 a 40, os 18% restantes estão entre 41 a acima de 60 anos. Conforme o gráfico 13, a maioria dos que trabalham na informalidade são pessoas jovens, que muitas vezes nem arrumou o primeiro emprego.

GRÁFICO 14: RENDA MENSAL FAMILIAR

FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04.

Segundo dados do gráfico 14, quanto à renda familiar dos consultados, a mesma está concentrada entre 1 a 4 salários mínimos, sendo, 45% entre 1 e 2 e 39% entre 3 e 4, ficando os 16% restantes de 5 salários a acima de \$ 1561. Sendo observado que nem um dos consultados tem uma renda abaixo de 1 salário mínimo.

GRÁFICO 15: NÍVEL DE ESCOLARIDADE



FONTE: Pesquisa realizada junto aos micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim em out/04.

Conforme resultados da pesquisa a escolaridade dos trabalhadores da informalidade é considerada baixa, pelo fato de apenas 34% ter o ensino médio completo e outros 31% ainda não ter concluído o ensino médio. Vemos também que, tanto no ensino fundamental quanto no básico o total dos que concluíram é muito baixa.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com base nos dados obtidos através da pesquisa exploratória, realizada entre os micros e pequenos comerciantes do camelódromo do Alecrim, verificou-se que os entrevistados anseiam por um trabalho formal. Verifica-se com base no estudo realizado, que o trabalhador opta pelo mercado informal por falta de oportunidades no mercado de trabalho.

Percebendo-se ainda a escassez de outras fontes de renda, além da desenvolvida pelo trabalhador, contudo, o desejo por uma vaga no mercado formal é significativamente importante, já que a renda gerada pelo trabalho informal é considerada baixa, não possibilitando nenhum benefício. A falta de dinheiro assim como a alta carga tributária e a burocracia são alguns dos fatores que emperram o crescimento do pequeno empreendedor. Outro fator relevante é o fato de que todos esses aspectos inerentes à inserção desses trabalhadores no mercado informal tornam evidente a exclusão social sofrida pelos mesmos, que em função do desemprego o quadro de pobreza e exclusão vem se agravando acentuadamente no Estado.

Os resultados das análises gráficas demonstram que o trabalho no setor informal possibilita a sobrevivência de uma parcela enorme dos trabalhadores, com uma margem dos direitos sociais e ganhos mais baixos. O trabalho no setor é pouco qualificado, compromete a produtividade e o desenvolvimento econômico e tecnológico do país e ainda prejudica o ambiente de competição, dificultando também a avaliação da economia.

Este trabalho permite identificar a real situação do camelódromo do Alecrim. Tomando como base os resultados na pesquisa e tendo como propósito melhorar a questão em destaque, é recomendável que os governantes de todas as esferas, federal, estadual e municipal possam garantir uma política econômica voltada para a regulamentação do meio de trabalho desses micros e pequenos empreendedores, no sentido de diminuir, assim como fixar e ainda apresentar prazos para o pagamento de uma única taxa tributária.

Proporcionar incentivos de financiamentos com juros e formas de pagamentos acessíveis a qualquer pequeno empreendedor que sente o desejo de ter seu próprio negócio, não apenas como forma de sobrevivência miserável.

Fortalecer a pequena e média empresa com esses incentivos, e ainda diminuir as normatizações burocráticas que dificultam e muitas vezes encarece o processo de regulamentação do negócio.

De acordo com resultados de pesquisas e levantamentos ser empreendido ações que possam beneficiar e fortalecer a categoria dos trabalhadores informais.

Colocar em perspectiva a idéia da Prefeitura Municipal de Natal desenvolver um plano estratégico no sentido de tornar o Alecrim uma área de livre mercado para o setor informal.

Dada a importância do então desenvolvimento da economia informal, face ao exposto, convém destacar a necessidade de ser criada uma associação ou cooperativa dos informais, onde todos pudessem contribuir para ajudar ao outro assim como para crescer com seus próprios esforços, uma espécie de co-gestão e auto-gestão.

DEMARCHI, Célia. O Brasil sem documento. Revista Super Interessante, São Paulo, v. 187, p. 12-17, maio 2003. Edição Especial.

DUARTE, Renato (org.). Emprego e renda na economia informal da América Latina. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1994. 308 p.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159p.

PAIVA, Paulo. O mercado informal. Disponível em: <<http://www.faz.com.br/stoc/politica/141612.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2003.

PASTOR, José. O trabalho associativo no Brasil. Disponível em: <<http://www.josepastor.com.br/artigos/relagoestrabalhistas/208.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2004.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Economia Brasileira: uma introdução crítica. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1998. 224 p.

ROSA, Dênisson Dias. A Evolução da Carga Tributária Brasileira. Disponível em: <<http://www.infuolme.bpg.ig.com.br/evolucao.htm>>. Acesso em: 16 maio 2004.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. Metodologia científica: a construção do Conhecimento. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 144p.

SINGER, Paul. Globalização e desemprego: diagnóstico. 3. ed. São Paulo: Contraste, 1996. 139 p.

VASSALLO, Cláudia. Chega! De abusos e os contornos do modelo trabalhista. Revista Exame, São Paulo, v.688, n.10, p. 104-126, maio 1999.

VELLOSO, Rodrigo. Carga Parda. Revista Super Interessante, São Paulo, v. 187, p. 14-17, maio 2003. Edição Especial.

REFERÊNCIAS

- AMADEO, Edward. **Mercado de trabalho brasileiro: Rumos, desafios e o papel do Ministério do Trabalho**. Disponível em: <<http://www.giocities.com/projetopiracema/artigos/Mercadotrabalho-htm>>. Acesso em: 17 jun. 2004.
- CACCIAMALI, Maria Cristina. Distribuição de renda, formas de participação na produção e setor informal. In: DUARTE, Renato. (org.) **Emprego e renda na economia informal da América Latina**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Massangana, 1984. 69 a 97p.
- CARVALHO, Edwin. Desemprego engrossa a informalidade. **O Poti**, Natal, 28 jul. 2002. Folha Economia, Caderno 5, p.5.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA e SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Temas fundamentais para às micro e pequenas empresas: trabalho e emprego, acesso ao crédito, turismo, emprego e renda, carga tributária**. [s.l]: SEBRAE, [2000]. 255 p.
- DEMARCH, Célia. O Brasil sem documento. **Revista Super Interessante**, São Paulo, v. 187, p. 12-17, maio 2003. Edição Especial.
- DUARTE, Renato (org.). **Emprego e renda na economia informal da América Latina**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1984. 208 p.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159p.
- PAIVA, Paulo. **O mercado informal**. Disponível em: <<http://www.zaz.com.br/istoe/politica/141612.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2003.
- PASTORE, José. **O trabalho associativo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.josepasroe.com.br/artigos/relaçoeostrabalhistas/208.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2004.
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Economia Brasileira: uma introdução crítica**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1998. 224 p.
- ROSA, Dêneron Dias. **A Evolução da Carga Tributária Brasileira**. Disponível em: <<http://www.inlimine.hpg.ig.com.br/evolucao.htm>>. Acesso em: 16 maio 2004.
- SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do Conhecimento**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 144p.
- SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1999. 139 p.
- VASSALLO, Cláudia. Chega! Os absurdos e os escândalos do modelo trabalhista brasileiro. **Revista Exame**, São Paulo, v.688. n.10. p. 104-126, maio 1999.
- VELLOSO, Rodrigo. Carga Pesada. **Revista Super Interessante**, São Paulo, v. 187, p.18-23, maio 2003. Edição Especial.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998. 90p.

ANEXO

Questionário para coleta de dados

- 1- O que levou você a optar pelo trabalho informal?
- () Alta taxa de desemprego () Muita liberdade de horário () Não pagar muitos impostos
() Baixa escolaridade () Falta de oportunidade () Outros, Qual? _____
- 2- Você deixaria o trabalho informal para trabalhar em:
- () Grande empresa () Pequena empresa () Empresa pública
() Trabalhar p/ outra pessoa com salário fixo
- 3- Possui outra fonte de renda além do trabalho informal?
- () Não () Sim, Qual? _____
- 4- Onde trabalha atualmente?
- () Não
() Sim, Onde? () Empresa privada () Empresa pública () Sem carteira assinada
() Mercado informal
- 5- Você gosta de trabalhar em outro tipo de atividade o que lhe dê uma renda fixa?
- () Não () Sim, Como que? _____
- 6- Qual a principal dificuldade para se abrir um negócio formalizado?
- () Muita burocracia () Muitos impostos () Falta de incentivo fiscal
() Falta de dinheiro () Legislação trabalhista rigorosa () Outros, Quais? _____
- 7- Escolha uma frase que melhor descreva:
- () Como do que faço não preocupo muito os meus
() Estou a procura de outra atividade
() Gostaria de trabalhar em uma empresa com carteira assinada
() A renda que tenho não dá para sobreviver
() O que tenho é suficiente para a sobrevivência da minha família
- 8- Sexo () Masculino () Feminino
- 9- Estado Civil
- () Solteiro () Casado () Viúvo () Desquitado () Separado
- 10- Faixa etária (em anos)
- () 16 a 25 () 26 a 30 () 31 a 40 () 41 a 45
() 46 a 50 () 51 a 55 () 56 a 60 () Acima de 60
- 11- Renda mensal familiar (em salários mínimos)
- () Menos de 1 () 1 a 2 () 3 a 4 () 5 a 6 () Acima de R\$ 1500
- 12- Nível de escolaridade
- () Fundamental Incompleto () Fundamental Completo () Médio Incompleto
() Médio Completo () Médio Incompleto () Médio Completo
() Superior Incompleto () Superior Completo () Pós-Graduação

ANEXO

